

En garde!: Percepções sobre a multipremiação da fotografia intitulada *Touché* e a formação do fotojornalista no Brasil

Soraya Venegas Ferreira¹

Resumo

Esse artigo busca refletir sobre as premiações no campo jornalístico e suas possíveis relações com a formação profissional dos repórteres-fotográficos. No Rio de Janeiro, assim com em outras capitais brasileiras, há grande oferta de cursos em nível de bacharelado, de graduação tecnológica e ensino técnico que contemplam conteúdos pertinentes à formação do fotojornalista. Mas, o que se vê, a partir da vivência nas redações e de um rápido levantamento dos profissionais em atividade, é que o fotojornalismo é um ofício passado muitas vezes de pai para filho e que, quando não, boa parte da constituição do profissional ocorre mesmo no mercado de trabalho. Para a reflexão aqui proposta, parte-se do pressuposto que os prêmios de jornalismo, especialmente os mais longevos e tradicionais, tendem a funcionar como paradigmas de excelência e, que portanto, deveriam ser estudados (e criticados) pelos interessados em formar repórteres-fotográficos. Em 2012/2013, ocorreu um fato raro: uma única fotografia, intitulada *Touché*, conquistou em sua categoria, três deles: o Prêmio Esso de Jornalismo, o Prêmio Imprensa Embratel – dois dos mais importantes prêmios nacionais de jornalismo – e o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha. O que teria a imagem de tão especial? Seu autor, Wilton de Sousa Júnior, é carioca, 40 anos, fotojornalista há mais de 20, filho de repórter-fotográfico e, até hoje, não conseguiu concluir sua graduação em jornalismo. Ele inspira o aprofundamento da reflexão que envolve teoria e prática; academia e mercado.

Palavras-chave: Formação Profissional. Fotojornalismo. Prêmios de Jornalismo. *Touché*

¹ Doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), com Pós-doutorado em Teorias do Jornalismo pelo PPGCom-UFF, professora titular da Universidade Estácio de Sá, onde coordena o curso de Jornalismo. Pesquisadora do Programa Pesquisa Produtividade da Unesa e avaliadora de cursos de Graduação e Graduação Tecnológica do MEC-INEP. Email: sosovenegas@yahoo.com.br

En garde: Percepciones de multipremiação la fotografía titulada Touché y la formación del fotoperiodista en Brasil

Resumen

En este ensayo se reflexiona sobre los premios en el ámbito periodístico y sus posibles relaciones con la formación profesional de los fotoperiodistas. En Río de Janeiro, así como en otras ciudades de Brasil, hay gran variedad de cursos cursos en nivel de bachillerato y nivel que incluyan contenidos relevantes para la formación del fotoperiodista. Pero lo que vemos, a partir de la experiencia en la prensa y una breve encuesta de los profesionales, es que el fotoperiodismo es un oficio transmitido a menudo de padres a hijos y que, si no es así, gran parte del plantel profesional se produce incluso en el mercado de trabajo. Para la reflexión que aquí se propone, se parte del supuesto de que los premios de periodismo, especialmente los más antiguos y tradicionales, tienden a funcionar como paradigmas de la excelencia y que por lo tanto deben ser estudiados (y criticados) por los interesados en formar fotoperiodistas. En 2012/2013, se produjo un acontecimiento raro: una sola fotografía, titulada *Touché*, ganó en su categoría, tres de ellos: el Prêmio Imprensa Embratel, el Prêmio Esso de Jornalismo - dos de los más importantes premios brasileños de periodismo - y el Premio Internacional de Periodismo Rey de España. ¿Qué hay en la imagen para ser tan especial? Su autor, Wilton de Souza Júnior, nacido en el Rio, 40 años, reportero gráfico desde hace más de 20, hijo de fotoperiodista y, hasta hoy, no pudo completar su bachillerato em periodismo. Él inspira el pensamiento reflexivo que involucra la teoría y la práctica; la academia y el mercado.

Palabras clave: Formación profesional. Fotoperiodismo. Premios de Periodismo. *Touché*

En garde: Perceptions of the multi awarded photograph entitled Touché and the formation of photojournalists in Brazil

Abstract

This essay reflects about the awards in the journalistic field and their possible relationships with the professional training of photojournalists. In Rio de Janeiro, as well as in other Brazilian cities, there are wide range of courses in the bachelor's level, and technical training, that include relevant contents for photojournalistic graduation. But what we see, from the experience in newspapers and a quick survey of working professionals, is that photojournalism is a trade taught often from father to son and that, if not, much of the professional training occurs in the labor market. For the reflection proposed here, we start from the assumption that journalism awards, especially the older and more traditional, tend to function as paradigms of excellence, which should be studied (and criticized) by those who are interested in forming photojournalists. In 2012/2013, there was a rare event: a single photograph, titled *Touché*, won in its category, in three competitions: the Prêmio Esso de Jornalismo, the Prêmio Imprensa Embratel - two of the most important national journalism awards - and the Premio Internacional de Periodismo Rey de España. What would this picture have to be so special? Its author, Wilton de Souza Júnior, born in Rio, 40, photojournalist for over 20 years, is son of reporter-photographer and, until now, failed to complete his degree in journalism. He inspires a reflective thinking that involves theory and practice; university and market.

Keywords: Journalism Teaching. Photojournalism. Journalism Awards. *Touché*

Introdução

A expressão francesa *en garde* numa tradução livre significa “em guarda”, ou seja em estado de atenção e pronto para defesa. Na esgrima, esporte no qual também é utilizado o termo *touché* – título da foto que inspira essa reflexão, *en garde* é o comando dado pelo juiz quando um competidor que perdeu sua arma precisou se recuperar e voltar à posição de defesa. No que diz respeito à formação do jornalista profissional, algumas das armas foram, momentaneamente ou não, retiradas e/ou trocadas – seja pela decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2009, de extinguir a exigência de diploma específico para o exercício profissional², seja pelo crescimento do espaço destinado ao “jornalismo colaborativo”, seja pelo aumento do número de agrsso a jornalistas desde junho de 2013, seja pelas resistências e desafios de implementação das Novas Diretrizes Curriculares, homologadas pelo Ministério da Educação, em 2013³, seja pela histórica dificuldade de integração entre teoria e prática nas grades curriculares das instituições de ensino,

2 A obrigatoriedade de exigência de diploma de jornalista para o exercício profissional durou 40 anos. E, desde maio de 2009, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por oito votos a um, que jornalista não precisa ter diploma para exercer a profissão, entidades de classe vem se mobilizando para que a graduação em jornalismo volte a ser exigida. Para isso, é necessária a aprovação de Proposta de Emenda à Constituição (PEC). A PEC 33/09, conhecida como PEC do Diploma, já foi aprovada em dois turnos no Senado, e em 2014 tramitava na Câmara dos Deputados, com o número 206/2012, tendo sua admissibilidade aprovada na Comissão de Constituição, Justiça e de Cidadania em novembro de 2013. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), para que sua tramitação prossiga é necessário que a Mesa Diretora instale uma Comissão Especial, composta com 15 membros titulares e 15 suplentes, para análise de seu mérito. A notícia mais recente disponível no site da instituição - <http://www.fenaj.org.br/> - informava que o presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves, havia assinado, no dia 29 de maio de 2014, ato criando a Comissão Especial para análise do mérito da Proposta de Emenda Constitucional 209/2012, disponível em <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=4123>, acesso em 22 de julho de 2014, às 14h44m.

3 As Novas Diretrizes Curriculares em Jornalismo foram elaboradas por uma Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação, presidida por José Marques de Melo, e formada por Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Lucia Araújo, Sérgio Mattos e Sonia Virginia Moreira. Com auxílio de três consultas públicas, realizadas em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo; foi elaborado o documento apresentado ao MEC em 2009, mas só homologado em outubro de 2013. As instituições de ensino superior (IES) tem até outubro de 2015 para reformularem seus projetos pedagógicos e se adequarem ao que determina o documento, disponível em file:///C:/Users/USU%C3%81RIO/Downloads/rces001_13.pdf, acessado em 22 de julho de 2014, às 15h34m

ou ainda, por existirem funções específicas – como a de repórter-fotográfico, repórter-cinematográfico e diagramador – cujo ingresso no mercado de trabalho sempre se deu de modo mais informal, através de processos de aprendizado que, muitas vezes, passavam longe dos bancos escolares. O fato é que cada vez mais, torna-se necessário que identifiquemos e retomemos nossas armas identitárias e redobremos o estado de atenção frente aos desafios impostos por uma sociedade em acelerado processo de transformação, fomentado por diversos fatores, entre eles, a rápida evolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Esse trabalho se propõe a apresentar algumas percepções a partir desse cenário complexo em que todos os envolvidos – pesquisadores, professores e profissionais de jornalismo – buscam a excelência, tanto em termos de formação – que compreende o desenho dos Projetos Pedagógicos de Curso, com suas grades curriculares e planos de ensino, envolve a seleção de docentes e de práticas pedagógicas entre outros fatores que potencializem a construção do conhecimento – quanto em termos de desempenho profissional cotidiano – que compreende, como diria o jornalista Cláudio Abramo, “o exercício diário da inteligência e a prática cotidiana do caráter”⁴.

Do ponto de vista simbólico, o reconhecimento pela conquista de um prêmio é a melhor medalha que um jornalista pode receber dos seus pares. Por isso, por questões metodológicas, partir-se-á do pressuposto que os prêmios concedidos podem funcionar como matrizes de referência, geradoras e/ou mesmo reforçadoras de determinadas práticas que são gradativamente incorporadas ao *habitus* (no sentido empregado por Pierre Bourdieu) e funcionam como paradigmas da comunidade interpretativa do jornalismo (Traquina, 2008). Diante desta percepção, surge a hipótese de que, na atualidade, algumas premiações ao conferirem distinção aos agraciados tornam-se tão relevantes que viram referência de bom exercício da profissão. Sendo, portanto, relevantes como objeto de estudo para aqueles que se preocupam com a formação profissional.

Em função da multipremiação da fotografia intitulada *Touché*, busca-se então estabelecer a relação entre a no-

4 Observadores de Carteirinha: Cláudio Abramo, disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/es090520019.htm>, acesso em 20 de julho de 2014, s 18h04m

ção de excelência, representada pelos prêmios nacionais e internacionais de fotografia de imprensa, e o cotidiano de repórteres-fotográficos ávidos por conquistá-los e de docentes, ávidos por discuti-los, questionando e relativizando seus paradigmas de qualidade. Entre os fotojornalistas, há os que buscam a aproximação com a academia e lutam cotidianamente para completar seus estudos, enquanto outros minimizam a importância dos cursos universitários. Entre os docentes, há os que se aproximam dos profissionais de imprensa e tentam selecionar conteúdos relevantes para serem compartilhados com seus alunos nesse terreno movediço, em que se fala de “DNA da fotografia”, “talento”, “escola da vida”, mas também em estética, informação, qualidade técnica, deontologia e *ethos* profissional e fotos-síntese.

Touché, a fotografia feita pelo repórter-fotográfico Wilton Júnior, foi triplamente vencedora: do Prêmio Esso de Fotografia, do Prêmio Imprensa Embratel de Reportagem Fotográfica e do Prêmio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha de Fotografia. A conquista de diversos prêmios – nacionais e internacionais – com uma mesma obra é fato raro, o que torna o objeto de reflexão ainda mais instigante. *Touché* vem do francês e pode ser traduzido livremente como “tocado”. Inicialmente, era o grito dado pelo esgrimista quando perdia ao ser tocado pela lâmina da espada do adversário. Hoje, esse grito passou a ser dado pelo vencedor. O autor de *Touché* é um vencedor. Multipremiado aos 40 anos, Wilton Júnior é fotojornalista há mais de 20. Filho de repórter-fotográfico, ingressou na profissão como aprendiz e, até hoje, não conseguiu concluir sua graduação em jornalismo.

É importante ressaltar que, nesse artigo, não há a intenção de minimizar a importância dos cursos superiores, mas ao contrário, busca-se apresentar um cenário de mercado de trabalho e detectar conteúdos relevantes para formação profissional de excelência. Ademais, a análise de *Touché* evitará interpretações da imagem no âmbito da política brasileira, e discussões sobre os aspectos ideológicos inerentes a sua seleção e publicação pelo jornal *O Estado de São Paulo*, abstendo-se de estabelecer qualquer juízo de valor em relação à personagem retratada: a Presidenta Dilma Rousseff. Não se levará em conta para análise da fotografia nem a notícia, nem a legenda que acompanharam a imagem no momento de publicação. A única ancoragem verbal a que se fará referência é ao título pelo qual a foto se tornou conhecida e sob o qual foi inscrita nas premiações: *Touché*. O que se busca aqui é fazer algumas considerações sobre os fotojornalistas que atuam no Rio de Janeiro, destacando alguns cuja herança familiar os coloca numa

categoria nomeada pela autora, preliminarmente, como “filhos de água” e, sua relação com a formação profissional dos repórteres-fotográficos.

As premiações enquanto paradigma de excelência profissional

A atividade jornalística é depositária de um conjunto de técnicas, práticas e normas que orientam a competência do profissional de informar a sociedade sobre assuntos de relevância pública, através de um relato baseado em fatos e com o maior senso de objetividade possível. Os manuais de redação, os profissionais renomados e a grade curricular dos cursos de comunicação social/jornalismo são exemplos da garantia da coesão desta atividade em torno de critérios que lhe são próprios, conforme postula Nelson Traquina (2008) quando teoriza que o jornalismo tem um “modo de ver, de falar e de agir”.

Assim, diariamente, os *media* colocam à disposição de forma orquestrada uma sequência de imagens, palavras e centenas de sinais gráficos, imagéticos ou sonoros sobre um calhamaço de papel, nas ondas do rádio ou da televisão. Através da mobilização de profissionais, máquinas, normas deontológicas, condutas éticas e rotinas de produção, os jornalistas se empenham em executar suas atividades baseadas em parâmetros que o próprio campo oferece a partir de um *ethos* coletivamente construído e que se concretizam no *habitus* da identidade profissional. É uma prática capaz de gerar competição que, em alguns casos, visa à conquista de prêmios concedidos a jornalistas de destaque na categoria profissional.

Para aqueles que resolvem competir há implicitamente a exigência da adequação do seu trabalho às normas de cada premiação cobiçada. Uma vez conquistada, tal prática vira exemplo da boa conduta jornalística, como se fosse uma fórmula mágica para a se chegar em primeiro lugar. No quesito premiação, cabe lembrar o que profetizou o filósofo Antônio Vieira - padre da Companhia de Jesus e influente missionário português em terras brasileiras -, em seu livro Sermão da Visitação de Nossa Senhora, publicado nos idos do século XVII:

Necessário é logo que haja prêmios para que haja soldados, e que aos prêmios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado, e não ao herdado somente; deem-se ao valor, e não à valia, quer depois que no mundo se introduziu venderam-se as honras militares, converteu-se a milícia em latrocínio, e vão os soldados à guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requere (VIEIRA, 1998, s/p).

As palavras de Antônio Vieira possibilitam pensar o papel das premiações a jornalistas de diferentes áreas pelo seu desempenho profissional. Dependendo das características de cada prêmio, suas categorias e critérios de julgamento, para além do evento em si, ele exercerá papel coercitivo no campo, na medida em que é apropriado pela comunidade interpretativa do jornalismo como parâmetros que orientam a prática profissional das redações jornalísticas e, como se fosse o caminho a ser trilhado para se alcançar o objetivo final, que é a conquista do prêmio.

Ao mesmo tempo em que as premiações oferecem o coroamento de uma prática junto aos pares, elas também sinalizam como deve ser a conduta dos profissionais em suas práticas cotidianas de seleção, coleta, apuração, processamento e distribuição da informação noticiosa, que gradativamente são incorporadas àquilo que Pierre Bourdieu denominou *habitus* da identidade profissional de um campo social. Ou seja, uma forma de percepção e pensamento que perpassam as subjetividades individuais e irá se refletir nos sistemas classificatórios da atividade profissional sobre o que é legítimo e ilegítimo. Nesse sentido, podem passar a ser apropriados também pelos conteúdos programáticos das disciplinas oferecidas nos cursos de graduação ou técnicos.

Nesse ponto, a noção de campo social de Bourdieu torna-se fundamental para a compreensão de como os profissionais são introduzidos na comunidade interpretativa jornalística e, paulatinamente, incorporam o seu *habitus*, cujas “(...) posições dos agentes se encontram *a priori* fixadas” (BOURDIEU, 1990, p. 156). Os conceitos do autor põem em evidência as relações efetivas dos agentes no campo, ao contrário das visões funcionalistas que subtraem o seu papel transformador da realidade. Sucintamente, Bourdieu identifica um campo social enquanto um “espaço onde se travam relações objetivas”, em que agentes (que são os sujeitos investidos de um *habitus*), lutam para determinar quem tem legitimidade para falar e o que é legítimo ser falado. O espaço social do qual o autor se refere é apreendido

como um “conjunto organizado”, através do qual as posições dos atores sociais se definem umas em relação às outras, constituindo, pois, um “sistema de posições” que se definem pela sua própria posição, como os pontos cardeais se definem em relação aos seus opostos (BOURDIEU, 1983, p. 21).

Este aspecto acena para a ideia de que o jornalismo se reproduz no interior do campo, com relativa independência, cuja estrutura de produção é movida por uma dinâmica interna interdependente e que trava enfrentamentos (mercadológicos, políticos, comunicacionais, discursivos) e determinam o grau de posicionamento dos veículos e atores em relação a esta estrutura. O campo social é visto como um “microcosmo” dotado de leis próprias que irá determinar o direito de entrada, o valor dos troféus em disputa, bem como os limites da subversão, através de um “acordo tácito” das regras do jogo entre seus participantes (BOURDIEU, 1997, p. 14).

O campo jornalístico seria, assim, uma situação institucionalizada, na qual os seus agentes (jornalistas, distribuidores, anunciantes, acionistas) desenvolvem suas ações como atividades regidas por regras e convenções válidas para cada campo, tornando-se rotinas do trabalho diário. Assim, os profissionais que fazem parte da comunidade interpretativa jornalística formam um contingente que organiza sua atividade pautada em uma rotina não apenas que gira em função da produção da notícia, mas por esquemas de percepções dos seus participantes, próprios do *habitus* da identidade profissional.

Um segundo aspecto que sustenta a hipótese que as premiações tornam-se paradigmas da atividade jornalística baseia-se no entendimento de que a lógica produtiva do campo citada acima é criada pela luta concorrencial. Parte-se do pressuposto de que a mera mobilização de técnicas especiais se bem utilizadas, dá conta do bom exercício do “fazer jornalismo”. Desconhece-se que os jornalistas são servidos por aqueles - língua, códigos e regras do campo das linguagens - para, no trabalho de enunciação, produzirem discursos. (...) Esquecendo os fatos, e se escravizando às regras, os jornalistas supõem exercer a chamada objetividade (FAUSTO NETO, 1994, p. 41).

Assim, é possível postular que a luta concorrencial ocorre em uma situação institucionalizada, na qual os seus agentes citados anteriormente desenvolvem suas ações como sendo atividades regidas por regras válidas, especificamente, para cada campo. O maior ou menor grau de participação destes agentes implicará na posse e na utilização, em

certa medida, de vários tipos de recursos, os quais Bourdieu denominou “capital”. As premiações concedidas para os jornalistas fariam parte do “capital simbólico”, que, no entendimento do autor, inclui os méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associado à pessoa ou posição. Assim, a luta concorrencial em torno da apropriação deste capital seria irredutível na medida em que seus agentes demonstrassem maior ou menor grau de interesse para lutar por ele (BOURDIEU, 1994, p. 5).

Aqui se tem também a importância distintiva que cada tipo de prêmio possui intrinsecamente comparativamente a outros. No Brasil, por exemplo, o grande destaque é o Prêmio Esso de Jornalismo, seguido, mais recentemente, pelo Prêmio Imprensa Embratel. Essas premiações jornalísticas teriam caráter de acúmulo de capital pelo viés do reconhecimento, que tende a ser ainda mais valorado caso o prêmio seja internacional, como é o caso do Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha, conquistado por *Touché*.

Os prêmios não teriam caráter de recompensa, pois o reconhecimento pressupõe a adesão do jornalista à sua prática cotidiana no intuito de conquistá-lo, para além do valor dinheiro, típico da recompensa. Enquanto no primeiro caso, temos a ideia do valor, no segundo a da valia. Recompensa está associada ao cumprimento de uma dada tarefa e seu oposto seria a punição. Nesse sentido, as pessoas fariam as coisas, ou deixariam de fazê-las, para obter recompensas e, portanto, devem ser treinadas ou condicionadas. Ao contrário, a necessidade de reconhecimento faz parte da natureza do ser humano. É bom ser reconhecido. É bom ser estimado. O reconhecimento garantiria, assim, uma prática autorizada mediada e construída pela formação discursiva do jornalismo, no sentido foucaulteano (FOUCAULT, 1998)⁵, e, por isso mesmo, com potencialidade de virar paradigmas da profissão.

5 Dentre outras reflexões, Foucault (1998) preocupa-se com o discurso como objeto de poder, ou seja, com a quilo que o sujeito é autorizado a dizer, os lugares que ele ocupa, no discurso, dentre outras propriedades. Ampliando e relacionando estes postulados para o pensamento bourdieuano, o discurso dependeria, assim, da relação da força simbólica existente no campo jornalístico entre todos os sujeitos envolvidos, inclusive o público receptor. Daí a definição completa da competência como direito à palavra.

Fotojornalismo e formação profissional: uma atividade para “filhos de águia”?

Ao receber o Prêmio Imprensa Embratel 2013, o terceiro pela foto *Touché* e, antes de oferecê-lo ao repórter-fotográfico Wilton de Sousa, seu falecido pai, Wilton de Sousa Júnior afirmou: “Um repórter-fotográfico não se forma rapidamente nem se faz sozinho. Obrigada a todos os colegas que perderam seu tempo comigo”⁶ e enumerou diversos fotojornalistas presentes na plateia, ou não, e que haviam contribuído para a sua formação. Alguns, filhos de repórteres-fotográficos, assim como ele. Se não fosse pela raridade de uma tripla premiação com uma única obra, esse poderia ser apenas mais um momento na história dos “filhos de águia”, que aprenderam a profissão “na marra”. Sem formação acadêmica específica, são marcados pelo que alguns profissionais e pesquisadores já chamaram de “DNA da fotografia”⁷. São numerosos e seriam “filhos de peixe”⁸ se fossem mergulhadores, mas como profissionais de imagem, com olhar apurado, preciso e sempre pronto para a caça, são nomeados aqui preliminarmente como “filhos de águia”.

A percepção se de que o mercado de trabalho do fotojornalismo é dominado por algumas famílias se deu a partir da vivência profissional da pesquisadora como repórter-fotográfica no Rio de Janeiro e da constante pergunta “você é filha de quem?”, que lhe era dirigida nos anos em que passou na imprensa carioca. Assim, parte-se do pressuposto

6 Entrevista de Wilton Junior à Soraya Venegas em 14 de maio de 2013 na cerimônia de entrega do 14º Edição do Prêmio Imprensa Embratel.

7 O componente genético ou “DNA da fotografia” é mencionado por vários fotógrafos que tiveram formação fotográfica familiar e que foram entrevistados pela pesquisadora Silvana Louzada para construção de sua tese de doutorado intitulada *Prata da Casa* (fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro – 1950 -1960) – Universidade Federal Fluminense, 2009

8 A existência de famílias de fotojornalistas é tão recorrente no Rio de Janeiro que nos anos 1980/1990, o informativo da ARFOC-RJ tinha uma seção fixa, com o título “Filhos de peixe” para abordar o perfil profissional de repórteres-fotográficos provenientes dessas famílias.

de que, pelo menos no Rio de Janeiro, o fotojornalismo já foi uma atividade prioritariamente passada de pai para filho. Em termos de escolaridade, a maior parte dos repórteres-fotográficos atuantes entre 1960 e 1990 não tinha nível superior. Os poucos graduados, geralmente, não possuíam formação específica em jornalismo ou em fotografia; mas, por sua atuação cotidiana, definiam o *ethos* profissional. Aprendizagem de laboratório, motoristas de reportagem ou contínuos dos jornais viam na aquisição e no domínio técnico do equipamento fotográfico analógico uma oportunidade de ascensão profissional e social.

Paulo Moreira, Alaor Barreto, Braz Bezerra, Luiz Pinto, Alberto Jacob, Wilton de Sousa, Evandro Teixeira, Sebastião Marinho, entre outros profissionais atuantes no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX, se constituíram como fotojornalistas no cotidiano das redações. Nelas, criaram seus filhos(as), uma nova geração de repórteres-fotográficos. Entre os muitos exemplos, temos: Paulo Moreira (1940 -) - pai dos fotojornalistas Paulo Araújo, do Jornal O Dia, Pauty Araújo, da *Folha Universal* e Robson Moreira, da editora portuguesa Impala; Alaor Barreto (1925-2005) - pai de Alaor Filho, ex-editor de fotografia do *Jornal do Brasil* e da sucursal Rio d' O *Estado de São Paulo*, sócio da Print Comunicação, e integrante da Comissão de Pré-seleção de finalistas na categoria de fotografia no Prêmio Esso de Jornalismo⁹; Alberto Jacob (1933 -) - pai de Roberto Jacob, que chegou a chefiar o departamento fotográfico do jornal *O Dia* nos anos de 1980 e que atualmente está afastado do jornalismo e de Alberto Elias Jacob, *freelancer*, presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos (Arfoc-RJ) e jurado do Prêmio Imprensa Embratel, desde a sua criação. O depoimento de Alberto Elias Jacob, em 2002, ilustra a entrada desses profissionais no jornalismo.

Comecei a trabalhar em fotografia aos quatorze anos de idade, fazendo aquelas antigas “sete carinhas”. Passei a ganhar dinheiro já no ginásio. Com dezoito anos, comecei a fazer a distribuição de

9 A categoria de fotografia do Prêmio Esso de Jornalismo é avaliada por uma comissão especial formada por 50 editores de fotografia dos principais veículos brasileiros e fotojornalistas ligados a associações de fotógrafos profissionais. Essa comissão é encarregada de apontar a foto vencedora do Prêmio Esso de Fotografia, dentre um total de 10 fotos finalistas, que foram pré-selecionadas por outra comissão composta por três ex-editores de fotografia de jornais diários.

um jornal que tinha em Jacarepaguá e na Barra, que se chamava “Bom Dia”. Eu tinha uma kombi, pegava o jornal, que era impresso no Jornal do Comércio, e saía distribuindo pela Barra da Tijuca, junto com uns moleques e dali comecei a andar... Andava às vezes com a máquina fotográfica e fazia umas fotos; algumas delas foram aproveitadas e com isso consegui tirar o registro de repórter fotográfico.¹⁰

Percebe-se, portanto, que o olhar que forja o resultado das premiações no campo do fotojornalismo não foi construído nos bancos escolares ou nos cursos de jornalismo, mas sim na prática cotidiana. Ainda hoje, os departamentos fotográficos são um universo eminentemente masculino, mas algumas mulheres também não “negaram seu sangue”. É o caso de duas filhas de fotojornalistas que atuaram no *Jornal do Brasil* (JB): Viviane Rocha, filha de Braz Bezerra e Adriana Caldas, filha de Evandro Teixeira. A primeira atuou nos anos 80/90 no *Jornal do Brasil* e em *O Dia* e a segunda, trabalhou no JB na mesma época e ainda hoje cuida da obra de seu pai. Exemplos não faltam. Mas, o século XXI vê chegar ao mercado poucos representantes de uma nova geração de “filhos (ou netos) de águias”. Profissionais que ingressaram na profissão usando câmeras digitais, como é o caso do repórter-fotográfico de *O Globo*, Pablo Jacob, neto de Alberto Jacob.

Silvana Louzada (2009), em sua tese de doutorado, pontua que as famílias de repórteres-fotográficos já eram comuns em meados do século XX. Dos 25 fotojornalistas mapeados na pesquisa, cinco eram filhos de fotógrafos e outros três tinham fotógrafos na família, 84% tiveram seu aprendizado em fotografia de imprensa no próprio exercício da função. Dentre esses, apenas cinco fizeram cursos técnicos ou tiveram aulas particulares, mas todos ressaltaram que fotografia de imprensa se aprende na prática. Com base em sua pesquisa, Louzada pontua que “mais da metade da elite do fotojornalismo (56%) tem nível mínimo de formação escolar. Em geral, nas entrevistas e matérias, a formação escolar não é sequer mencionada” (LOUZADA, 2009, p.68).

10 Depoimento de Alberto Elias Jacob a Everaldo Lima d'Alverga, disponível em <http://www.evirt.com.br/entrevista/jacob.htm>, acessado em 21 de julho de 2014, às 15h10m

Alguns dos repórteres-fotográficos estudados por Louzada já ultrapassaram os 70 anos e, em sua maioria, já estão fora do mercado de trabalho. Embora sem formação acadêmica específica, a geração é marcada pela resistência ao regime militar, instaurado no país em 1964, e pela luta pelos direitos profissionais, entre eles, o direito autoral e comercial sobre as fotografias e a equiparação hierárquica e salarial em relação aos repórteres de texto. Contudo, a formação acadêmica era desvalorizada e, muitas vezes, usada para desdenhar os colegas da reportagem.

“Aprender na marra, desdenhar ensinamentos teóricos e arriscar-se para obter a melhor foto era a leitura de muitos desses fotógrafos do mito profissional que perpassava as imagens que chegavam da guerra, do outro lado do mundo. (...) E, como a formação escolar por aqui era em geral deficiente, criou-se um código deontológico que atribuía ao ensino tradicional um lugar menor, senão prejudicial, na formação do fotógrafo de imprensa”. (LOUZADA, 2011, p.13)

Entre os dados aferidos no estudo, estavam também as premiações obtidas, o que demonstra sua relevância para os estudos do campo. Dentre os 25 fotojornalistas pesquisados, sete conquistaram o Prêmio Esso, em diferentes categorias¹¹. Mesmo que entre os “filhos de águia” existam aqueles que reconheçam a importância da formação acadêmica para a ampliação das oportunidades profissionais no campo jornalístico, poucos tiveram condições de completá-la. Isso se deve à precoce inserção no mercado de trabalho, fato nem sempre foi aprovado pelos genitores. Muitos dos “filhos de águia” precisaram contar com o apoio de amigos dos pais para contratá-los e escondê-los em suas primeiras reportagens fotográficas, fato pontuado em depoimento de Paulo Araújo a Soraya Venegas.

11 Os fotojornalistas destacados com o Prêmio Esso de Fotografia foram Alberto Ferreira (1963), Antônio Andrade (1967), Alberto Jacob (1971). Francisco Campanella Neto recebeu Voto de Louvor, em 1960, o que deu origem a criação do Prêmio Esso de Fotografia, Luiz Pinto obteve menção honrosa em 1965, Mario de Moraes recebeu, em conjunto com o repórter Ubiratan de Lemos, o primeiro prêmio Esso em 1956 e Walter Firmo conquistou o prêmio principal do Premio Esso de Jornalismo, em 1964, pelo conjunto de textos e fotos da reportagem *Cem dias na Amazônia de ninguém*.

Escondido do pai, que não queria que ele fosse repórter-fotográfico, Araújo começou a fotografar aos 16 anos, com uma câmera amadora (Olympus Trip). Com o apoio de Rufino Borba, ele começou na profissão como estagiário em *A Gazeta de Notícias*, onde trabalhou por dois anos, até conseguir o registro profissional e uma vaga em *O Fluminense*, por onde também passariam seus dois irmãos. Borba também foi decisivo para iniciação profissional de Pauty Araujo, nascido em 1964, que ainda menor de idade, começou na *Gazeta*. Paulo Araújo evitava encontrar o pai nas reportagens externas e, para isso, contava com o apoio de Borba para escondê-lo. (VENEGAS, 2013, p.52).

Como a geração dos “netos de água”, hoje na casa dos 25 anos, tem poucos representantes no Rio de Janeiro, ainda não possível precisar se a continuidade de famílias de fotojornalistas está ameaçada, ou se no futuro, a formação acadêmica ganhará espaço como critério a ser valorado no momento avaliação das fotografias candidatas às premiações ou mesmo na hora da contratação de um profissional. Pode-se perceber, contudo, que a própria reportagem fotográfica atravessa um momento de crise, que em parte é comum a toda atividade jornalística. O desenvolvimento das TICs, a comunicação em rede, a popularização dos equipamentos fotográficos digitais e o advento do chamado jornalismo participativo ou colaborativo, tão discutido nas salas de aula e nos congressos acadêmicos, coloca o jornalismo em geral e o fotojornalismo em particular, cotidianamente, em xeque.

Fato é que hoje há excesso de imagens informativas facilitadas pelos automatismos das câmeras, pela mobilidade dos equipamentos de captação e transmissão de imagens e pela sensação de que os *clicks* não implicam mais em dispêndio financeiro como acontecia na época dos filmes fotográficos e dos *minilabs* de revelação e ampliação em 45 minutos. Nesse contexto, muitas vezes, buscam-se nas obras premiadas – reportagens para os mais diversos meios, criações gráficas, sequências fotográficas e cinematográficas -, paradigmas para a seleção de conteúdos imprescindíveis para a formação acadêmica dos fotojornalistas.

Wilton de Sousa Júnior: um multipremiado “filho de água”

Wilton de Sousa Júnior é mais um exemplo de como se dá a iniciação dos fotojornalistas no mercado carioca. Nascido em 1974, começou a frequentar o departamento fotográfico do jornal O Dia, onde seu pai trabalhou, com 13 anos. Atento e curioso, procurava aprender com os profissionais mais experientes as “manhas da profissão”.

Sou de uma família de fotógrafos, meu padrinho Wilmar de Souza foi quem deu o ponta pé inicial na fotografia em nossa família, ele foi fotógrafo do exército e também de eventos sociais, foi ele quem levou os irmãos, meu tio Walmir de Sousa, e meu Pai Wilton de Sousa (falecido em 2002). Meu Pai foi o único a ir para o fotojornalismo, começando a sua carreira no Jornal dos Sports. A minha escolha pela pelo fotojornalismo vem do amor e do entusiasmo que o meu Pai tinha pela profissão dele. Desde muito novo, eu já tinha definido na minha cabeça: com certeza, não terei outra profissão a não ser a de Repórter Fotográfico.¹²

O fotojornalista passou pelas redações dos jornais *Folha Dirigida*, *Jornal dos Sports*, *Jornal do Brasil* e *O Dia* e, desde 2001 trabalha na sucursal carioca da Agência Estado. Hoje, aos 40 anos de idade e 22 de profissão, é um repórter fotográfico multipremiado e, também em função dos prêmios conquistados, reconhecido pelos pares. Antes da conquista tripla por *Touché*, foi vencedor do Prêmio Estado de Jornalismo 2010, na categoria Fotografia, com a série de imagens *Tiros e Mortes no Centro do Rio*. As fotos mostram um ladrão atirando em um policial, sendo preso sem ferimentos e chegando morto ao hospital. Três anos depois, foi um dos finalistas do Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, com a fotografia *Caçada Urbana*, publicada no *Jornal do Brasil*.

12 Depoimento de Wilton de Sousa Junior a Emilio Coutinho pou ocasião da conquista do Prêmio Esso de Fotografia em 2012, disponível em <http://www.casadosfocas.com.br/entrevista-com-o-fotojornalista-wilton-junior-vencedor-do-premio-esso-de-fotografia-de-2012/>, acesso em 21 de julho de 2014 às 12h10m.

Depois de *Touché*, em 2013, Wilton ganhou novamente o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha com a foto Índios adotaram estratégias diferentes, na qual registra a manifestação de indígenas no Rio de Janeiro durante a realização da Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Desenvolvimento Sustentável Rio+20. A foto mostra um grupo de índios apontando flechas para um motociclista, no aterro do Flamengo e que foi publicada na edição de 24 de junho de 2012 no *O Estado de S. Paulo*¹³.

Com relação à formação acadêmica, quando já estava em *O Estado de São Paulo*, Wilton Júnior começou sua graduação em Comunicação Social na Universidade Estácio de Sá. O curso de jornalismo teve que ser interrompido devido às demandas profissionais. Por ocasião do recebimento do Prêmio Embratel, foi questionado sobre seus planos para conclusão da graduação. Diferente da geração dos pais, vários “filhos de águia” valorizam a formação acadêmica como forma de ampliação das oportunidades no jornalismo diário e futura docência¹⁴. Mas, por enquanto, *Wiltinho* (como é conhecido entre os colegas), o super-premiado repórter fotográfico, responde: “Eu preciso mesmo é de um desconto para voltar a estudar”¹⁵... Sinais da precarização da profissão, dos baixos salários e de que o ensino superior, em países como o Brasil, ainda está longe de ser para todos.

Figura 1 – Índios adotaram estratégias diferentes
Wilton Júnior - Prêmio Rei de Espanha de Fotografia 2013



13 Informações disponíveis no perfil profissional de Wilton Júnior, publicado em <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9934>, acessado em 21 de julho de 2014 às 12h42m

As premiações e *Touché*: uma foto-síntese de informação, estética e senso de oportunidade

Touché foi escolhida a melhor foto do ano de 2012/2013 por três premiações com histórias e perfis bastante diversos. O Prêmio Esso de Jornalismo é a mais tradicional delas. Com quase 60 anos, a premiação teve sua primeira edição em 1956, com o nome de "Prêmio Esso de Reportagem" e passou posteriormente a se chamar "Prêmio Esso de Jornalismo". Segundo o site da premiação¹⁶, a empresa patrocinadora do concurso - a companhia norte-americana ExxonMobil - está presente no país há 101 anos e sua ligação com o jornalismo brasileiro é antiga. Começou em 1941, com primeira transmissão do radiojornal *Repórter Esso* que, depois de mais de uma década de sucesso no rádio, teve seu modelo apropriado pela televisão, que passou a transmiti-lo em abril de 1952, pela TV Tupi. Desde a criação do Prêmio Esso de Jornalismo, estima-se que mais de 31 mil trabalhos tenham sido submetidos a avaliação das comissões de julgamento. A categoria Fotografia só passou a ser formalmente contemplada em 1961, depois que a foto intitulada *Acontecimentos em Aragarças*, feita pelo repórter fotográfico Francisco Campanella Neto para *O Mundo Ilustrado*, recebeu da comissão julgadora de 1960 um Voto de Louvor.

As categorias da premiação foram sofrendo alterações ao longo dos anos. Na edição de 2014, para a mídia impressa estão destinadas 11 categorias, mais o Prêmio Esso de Reportagem e o prêmio principal – o Prêmio Esso de Jornalismo. Completa o certame, o Prêmio Esso de Telejornalismo, criado em 2001 e conferido ao melhor trabalho jornalístico exibido na televisão. Segundo o coordenador da premiação, Ruy Portilho, “uma característica fundamental do Prêmio Esso é o fato de ser um prêmio atribuído a jornalistas por jornalistas”¹⁷. Com relação especificamente

14 É o caso de Paulo Araújo, filho de Paulo Moreira. Ele concluiu a graduação em Comunicação Social – Jornalismo em 2009 e inicia-se na docência na Pós-Graduação em Fotografia da Universidade Unigranrio

15 Entrevista de Wilton Junior à Soraya Venegas em 14 de maio de 2013 na cerimônia de entrega do 14º Edição do Prêmio Imprensa Embratel

16 http://www.premioesso.com.br/site/noticias/release_2013_03.aspx, acessado em 21 de julho de 2014 às 18h34m

aos elementos valorados para escolha da melhor imagem fotográfica, Portilho acrescenta que

O Prêmio Esso tem se destacado por premiar, por distinguir fotos que registrem aquele momento único, mas um momento de ação. Quase sempre a *hard foto*, quase sempre. Eu acho que só na ausência da *hard foto*, é que o Prêmio Esso se volta para premiar outros estilos, mas sempre com um sentido jornalístico muito aguçado...¹⁸

O Prêmio Imprensa Embratel, em 14 anos de existência -1999-2013 - recebeu mais de oito mil concorrentes. Na época da sua criação, segundo informações do site do concurso¹⁹, contou com o apoio de diferentes instituições com sede no Rio de Janeiro, entre elas, entidades sindicais, associações de profissionais de imprensa e formadores de opinião. O objetivo era transformar a premiação em um projeto mais abrangente, de âmbito nacional e capaz de mobilizar todas as mídias do país. Também buscava-se criar um prêmio “atual e dinâmico”, contemplando trabalhos jornalísticos que se adequassem à “nova realidade sócio, econômica e cultural do povo brasileiro”, ao mesmo tempo em que tivesse a “capacidade de estimular e disseminar o debate coletivo sobre temas de relevância, tais como inclusão social, consciência ambiental e o resgate dos nossos valores culturais”.

Cabe destacar que a premiação está ligada a uma empresa de telecomunicações presente em todas as regiões do país e que carrega, ainda, o traço da brasilidade, embora na última década e meia tenha passado por profundas transformações. A Embratel é uma empresa de capital aberto, fundada em 1965, no Rio de Janeiro, sendo o braço estatal de longa distância da Telebras. Foi privatizada em 1998 pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Após passar por vários grupos estrangeiros, desde 2011 pertence à empresa América Movil, do empresário mexicano Carlos Slim.

17 Depoimento ao fotojornalista Flávio Rodrigues, disponível em www.photosynt.net, acessado em 20 de maio de 2009

18 Depoimento ao fotojornalista Flávio Rodrigues, disponível em www.photosynt.net, acessado em 20 de maio de 2009

19 http://www.institutoembratel.com.br/projetos/premio_embratel.php, acessado em 20 de maio de 2013, 22h35m

Embora em sua origem o prêmio tenha sido concebido a partir de uma categoria, ele ganhou corpo no século XXI ao vender-se como uma premiação que está sempre se atualizando, criando novas categorias e extinguindo outras. A categoria de telejornalismo, por exemplo, criada desde a segunda edição já demonstrava a preocupação em contemplar diferentes formas da prática jornalística; assim como a inclusão da palavra reportagem em praticamente todas as categorias indica que o concurso considera, preliminarmente, que quase toda a atividade jornalística é uma atividade de reportagem. A imagem passou a ser considerada nas categorias Reportagem Fotográfica e Reportagem Cinematográfica. Em seu site, o Prêmio Imprensa Embratel se anuncia da seguinte forma: “A cada edição o prêmio se atualiza acompanhando a evolução da mídia e adequando-se aos novos desafios do jornalismo brasileiro”²⁰.

O Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha é concedido anualmente desde 1983, quando foi criado pela agência de informação espanhola EFE e pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID). A premiação, que assim como tratada anteriormente nesse artigo, só permite a inscrição de trabalhos veiculados pela mídia, ressalta em seu site institucional²¹, que vem incorporando novos valores, especialmente os relacionados ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, além dos tradicionais - trabalhos que contribuem para a comunicação e a compreensão mútua entre os países latino-americanos e aqueles com que a Espanha mantém laços históricos²². Na edição de 2014, Prêmio Internacional Jornalismo Rei da Espanha compreende cinco categorias – imprensa, televisão, rádio, jornalismo digital e fotografia – no valor de 6 mil euros, além do Prêmio Ibero-ame-

20 <http://www.premioimprensaembratel.com.br/>, acessado em 21 de maio de 2013, às 19h40m

21 Em <http://www.efc.com/premios/rei/principal.asp?opcion=9&seccion=90&idioma=ESPANOL>, acessado em 21 de julho de 2014, às 19h12m

22 Podem concorrer aos prêmios, com candidaturas independentes, jornalistas dos seguintes países: Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, Israel, Marrocos, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

ricano de Jornalismo Rei da Espanha, destinado ao melhor trabalho que contribua para a comunicação e o mútuo conhecimento entre os povos ibéricos, no valor de 9 mil euros²³.

Com relação à sistemática de julgamento, cada premiação age de modo diferenciado. No Prêmio Internacional Rei de Espanha, por exemplo, alternadamente a cada edição, a presidência e a vice-presidência do júri deve ser ocupada por um representante do Secretário de Estado da Cooperação Internacional e da América Latina e por um representante da EFE. Completam o corpo de jurados cinco profissionais reconhecidos em países participantes. O júri conta ainda com um secretário, com voz, mas sem voto, nomeado pela Agência EFE e pela AECID. O Prêmio Esso de Fotografia tem uma comissão julgadora específica, enquanto no Prêmio Imprensa Embratel, os jurados dão conta da avaliação de todas as categorias.

Touché passou por todos esses crivos e sagrou-se vencedora. Além de vencer, em 2013, a 14ª Edição do Prêmio Imprensa Embratel, na categoria Reportagem Fotográfica, a imagem

Figura 2 – *Touché*

Wilton Júnior – publicada em *O Estado de São Paulo* em 21 de agosto de 2011



23 Mesmo diante da percepção de que a recompensa financeira seja um fator secundário na disputa pelo reconhecimento oferecido pelos prêmios, cabe pontuar que o Prêmio Esso de Jornalismo oferecerá, na edição de 2014, R\$ 102 mil em prêmios, sendo R\$ 20 mil (brutos) para o Prêmio Esso de Telejornalismo, R\$30 mil para o prêmio principal e R\$ 10 mil para a categoria de Fotografia. Em sua 14ª Edição, o Prêmio Imprensa Embratel distribuiu um total líquido de R\$ 194 mil em prêmios, sendo R\$ 32 mil para o prêmio principal – Troféu Barbosa Lima Sobrinho - e R\$ 9 mil ao vencedor da categoria Reportagem Fotográfica.

recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo Fotográfico em 2012 e com o Prêmio Internacional Rei de Espanha do mesmo ano. Para seu autor, é uma foto reflexiva²⁴. Wilton Júnior define deste modo a foto de Dilma Rousseff, feita em agosto de 2011. A imagem mostra a presidenta sendo “atingida” pela espada de um militar durante cerimônia na Academia das Agulhas Negras, em Resende (RJ). O efeito foi conseguido através do uso consciente de uma teleobjetiva 400 mm a fim de achatar os planos.

No atual contexto profissional, *Touché* se torna paradigmática. A publicação original da fotografia coincidiu com um dos momentos delicados do governo Dilma, quando o PMDB, principal partido aliado, estava em conflito com o PT, partido da presidente, em disputa por espaço na política. Ao conquistar seu primeiro prêmio por *Touché*, o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha, na categoria Fotografia, Wilton Júnior declarou a *O Estado de São Paulo*. “Eu buscava uma foto que sintetizasse o momento difícil que a presidente Dilma vivia. Tentei fazer a foto de mais perto, mas o resultado não ficou tão bom. Então, optei pela imagem mais distante”.²⁵ Ele conta que a edição da imagem inscrita restringiu-se ao enquadramento, o que foi feito por ele mesmo antes de transmitir a foto à redação d’*O Estado de São Paulo*. Depois, não houve mais alterações.

Esse depoimento demonstra a consciência do fotojornalista em relação à linguagem fotográfica aliada às informações relevantes ligadas ao momento político. Nesse sentido, ressalta competências valorizadas no perfil profissional de um repórter-fotográfico: estar bem informado e atualizado, e ter o domínio técnico de seu equipamento, bem como o da linguagem fotográfica. Segundo a agência EFE, o júri, ao premiar a foto, destacou “a habilidade do fotógrafo para captar um instante de perfeita sincronização cujo resultado produz surpresa”²⁶. Essa ponderação enfa-

24 Entrevista de Wilton Júnior disponível em <http://photos.uol.com.br/materias/ver/69542>, acessado em 21 de julho de 2014, às 19h27m

25 Wilton Júnior em <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,fotografo-do-estado-e-premiado-por-imagem-de-dilma-em-ato-militar,821863,0.htm>, acessado em 10 de março de 2014 às 17h22m

26 <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,fotografo-do-estado-e-premiado-por-imagem-de-dilma-em-ato-militar,821873>, acessado em 21 de julho de 2014 às 20h51m

tiza outro valor importante historicamente para a atividade fotojornalística: a capacidade de identificar e captar o que Henri Cartier-Bresson chamava de “momento decisivo”. Entre suas definições mais célebres está a de que “fotografar é, num mesmo instante e numa fração de segundo, reconhecer um fato e a organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem e significam este fato. É colocar na mesma mira a cabeça, o olho e a emoção.”²⁷

Algumas análises acadêmicas tentaram explicar a multipremiação. Luiz Barth, mestre em Artes Plásticas, comentou que “O enquadramento e a composição estão ótimos, com Dilma inclinada, quase caindo, quebrando a simetria e criando um ‘desconforto’”²⁸. A inclinação da presidenta é também o que chama a atenção da prof. Dra. Denize Elena Garcia da Silva da UNB. Para ela,

O ângulo cristalizado na foto insinua uma espécie de exclusão da imagem (real) da Chefe de Estado e da inclusão, ainda que abstrata, de uma imagem (ideal) de subserviência, o que é sugerido pelo vetor da curvatura do corpo. Em lugar do sentido real de uma reverência cívica, pertinente ao momento do evento oficial, a foto favorece significados associados à submissão.²⁹

Já o fotojornalista e professor Ricardo Chaves destaca as qualidades informativas da imagem relacionando-a com seu uso editorial e minimizando o fator sorte, muitas vezes apontado, para justificar uma foto flagrante, considerada acima da média em termos qualitativos.

27 CARTIER-BRESSON, H. - “A fotografia não mudou”, disponível em <http://www.photosynt.net>, acessado em 14 de janeiro de 2002, às 10h35m

28 Centro de Fotografia da ESPM, disponível em <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/estudo-de-caso-luiz-barth-e-ricardo-chaves-comentam-foto-de-wilton-de-souza-junior/>, acessado em 21 de julho de 2014, às 21h14m

29 SILVA, Denize Helena Garcia. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro - (por uma rede de transdisciplinaridade), disponível em http://www.revistaautoma.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Estudos-cr%C3%ADticos-do-discurso-no-contexto-brasileiro_p.224-243.pdf, acessado em 21 de julho de 2014, 21h21m

se o momento presidencial fosse positivo, a imagem provavelmente não seria publicada, o que também evidencia se tratar de um exercício subjetivo: “É uma decisão política de aproveitamento, que depende tanto da publicação quanto do contexto socio-político”. Para ele, a foto também atesta que além de um bom fotógrafo, Wilton é um jornalista competente, atento às notícias e ao mundo que o cerca. Captou um momento que não dependia apenas de sorte e editou bem, escolheu a melhor foto: a que coincidia com o que o jornal queria.³⁰

As conquistas nacionais de *Touché* interromperam a sequência de prêmios concedidos a fotos que mostravam flagrantes de atos de violência, normalmente ocorridos em grandes capitais, especialmente no Rio de Janeiro ou em São Paulo³¹. Sintetiza técnica, estética, flagrante e opinião numa única imagem de um personagem jornalisticamente relevante. Em 2001, uma imagem baseada em ideia semelhante chegou a ser finalista no Prêmio Esso de Jornalismo na categoria Fotografia, mas perdeu o primeiro lugar para uma imagem de violência urbana.

A foto de Carlos Eduardo Gomes, da Agência JB, tinha como título *Transpassado por uma espada*, e foi publicada e inscrita pelo *Correio Brasileiro*. Nela, o político em destaque não tinha a mesma relevância jornalística da presidenta do país. O fotografado era o então senador Jader Barbalho no momento de sua posse na presidência do Senado Federal, quando já ressoavam as denúncias contra ele. Segundo reportagem do Fotosite, Carlos Eduardo já planejava a foto na cerimônia, em que soldados fazem uma apresentação com espadas. “Logo imaginei que pudesse compor uma cena com esses ingredientes: a figura de Jader e as espadas. Aí consegui um ângulo bom. O guarda fez o movimento no momento exato em que Jader passou a sua frente”³². O fotógrafo conta que usou uma câmera Canon EOS 1N, lente

30 Centro de Fotografia da ESPM, disponível em <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/estudo-de-caso-luiz-barth-e-ricardo-chaves-comentam-foto-de-wilton-de-souza-junior/>, acessado em 21 de julho de 2014, às 21h14m

31 Sobre a preponderância das imagens retratando atos de violência e que se sagraram vencedoras dos Prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel, consultar FERREIRA, Soraya Venegas. Vai dar Prêmio: A Valorização da Violência como Tema e do Flagrante como Paradigma nas Fotografias Vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo e do Prêmio Imprensa Embratel, disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0376-2.pdf>.

32 Carlos Eduardo em http://h9.hostseguro.com/~fotosite/especiais_arquivo/esso2001.htm, acessado em 10 de março de 2014.

300 mm, com teleconverter 1.4, que o favoreceu, "pois os outros fotógrafos, nesses casos, geralmente optam por quadros mais abertos", acrescentou. Contudo, fotografia vencedora do Esso, em 2001, foi "Horas de tensão", de Alberto César Araújo, publicada no jornal *A Crítica*, de Manaus.

Figura 3: Transpassado por uma espada - Carlos Eduardo, finalista do Premio Esso de Fotografia, 2001



Figura 4: Horas de Tensão, Alberto Cesar Araújo, vencedora do Prêmio Esso de Fotografia, 2001



Wilton Junior, o autor de *Touché* faz uma remissiva à imagem concebida por Carlos Eduardo e, com certeza, a inúmeras outras imagens feitas em cerimônias com a presença de políticos e espadins. *Touché* é a síntese de vários fatores valorizados pelos fotojornalistas. A imagem reflete mais do um momento de sorte aliada à experiência diária na cobertura fotográfica no Rio de Janeiro. Levando em conta que seu autor não teve formação acadêmica específica nem em fotografia nem em jornalismo, essa sensibilidade e percepção de oportunidade seria fruto de uma cultura de imagem, apreendida no cotidiano do mercado de trabalho, através também da convivência com profissionais mais experientes, ou mais uma marca do “DNA da fotografia”? O fotojornalista, em entrevista a *Revista Photo Magazine*, pontua:

Sempre que saio para um evento político, busco uma foto que possa retratar o momento. Nem sempre é possível transmitir uma informação desse tipo numa imagem, mas às vezes acontece. A Presidente está com problemas políticos em sua própria base, e a foto dá bem essa dimensão, já que a mostra sendo atacada por trás. Já fui para a Aman pensando em que tipo de foto poderia retratar essa questão.³³

Relembra-se aqui que, ao avaliar as qualidades estéticas e informativas de *Touché*, bem como a competência profissional de seu multipremiado autor, busca-se perceber que conteúdos e competências podem ser apreendidos ao se avaliar as obras premiadas e, não minimizar a importância da formação acadêmica para o desempenho profissional, mas ao contrário e, por conseguinte, complexificar as questões inerentes à construção de Diretrizes Curriculares e Projetos Pedagógicos de Curso.

33 PORTAL PHOTOS, disponível em <http://photos.uol.com.br/materias/ver/6954>, acessado em 25 de abril de 2014, 17h30m.

Considerações finais

Optar por seguir a mesma profissão dos pais não é exatamente uma novidade. Muitas são as razões: desde influência doméstica, facilidade em dispor de estrutura para iniciar-se e manter-se na profissão (disponibilidade de equipamentos, consultórios médicos, escritórios de advocacia e estrutura empresarial, por exemplo) até a sensação de que “talento” é a hereditário. Os níveis de regulamentação ou de status inerente a algumas atividades encaminham o jovem aspirante a profissional à universidade. Mas, isso parece não ocorrer com os repórteres-fotográficos, pertencentes formalmente à categoria dos jornalistas.

Para os que se dedicam ao ensino da fotografia em geral e do fotojornalismo em particular, atividade em que a formação é historicamente diversificada, e, por isso, encerra-se esse artigo com muito mais questões do que certezas. É preciso se perguntar a melhor maneira de estruturar os planos de curso. Baseados em que paradigmas de qualidade devem ser elencados os conteúdos programáticos? Quais são os critérios para se definir o que é uma boa fotografia de imprensa? Quais as habilidades e competências devem ser exigidas de um profissional de imagem e que, portanto, devem ser reforçadas no espaço acadêmico? são perguntas fundadoras da atividade docente.

Um ponto de partida pode ser o estudo das obras e da trajetória de profissionais, que como Wilton Júnior, se tornaram referência para o exercício do fotojornalismo; outro, pode ser a análise das premiações. Nesse âmbito, há muita pesquisa a ser feita. Poucos se dedicam à documentação das trajetórias profissionais. As imagens produzidas pelos fotojornalistas no Rio de Janeiro ficam de posse dos jornais e revistas para os quais eles prestam (ou prestaram) serviço. Muitos periódicos faliram e não se sabe o paradeiro de seus acervos. Outros estão em processo de digitalização de seus arquivos e ainda há muitas falhas de indexação.

Embora desafiadoras enquanto objeto de estudo e, apesar de usarmos o pressuposto metodológico de que as premiações podem ser tomadas como paradigma de qualidade; seus dados são inseguros, seja porque são patrocinadas por empresas com interesses específicos, seja pela escolha de suas comissões julgadoras em bases diversas, que vão da amizade com os organizadores ao “prestígio profissional” não obrigatoriamente relacionado à análise de ima-

gens. Mas pelo menos, constatou-se que em relação ao jornalismo em geral e ao fotojornalismo em particular, quem constrói empiricamente os critérios de julgamento e avalia as reportagens nas premiações paradigmáticas do campo são geralmente seus profissionais, com ou sem formação acadêmica. Nesse sentido, *Touché*, triplamente premiada e cujo autor é um “filho de águia” em busca da finalização de sua formação universitária, pode ser um bom mote para contínuas reflexões. Num momento, em que a profissão enfrenta crises identitárias e de paradigmas de excelência é necessário que nos posicionemos *en garde*.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Paulo Roberto. Paulo Moreira, uma análise de 48 anos de Fotojornalismo, monografia – Universidade Estácio de Sá, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

_____. O Campo científico em Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Lições de aula. São Paulo: Ática, 1994.

FAUSTO NETO, Antônio. Comunicação e mídia impressa. São Paulo: Hacker, 1999.

FACCIN, Milton e VENEGAS, Soraya. Jornalismo de roupa nova: Considerações sobre e a identidade e a prática profissional a partir do Prêmio Imprensa Embratel. II Colóquio MEJOR, Natal, 2013

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 6.ed. São Paulo: Loyola,, 1998

LOUZADA, Silvana. Prata da Casa: Fotógrafos e Fotografia no Rio de Janeiro, tese de doutorado, PPGCom – UFF, 2009

_____. Memórias que se espriam: formação do campo fotojornalístico na modernização da imprensa brasileira, 8 Encontro Nacional de História da Mídia, Guarapuava, 2011, disponível em <file:///C:/Users/USU%C3%81RIO/Downloads/Memorias%20que%20se%20espraiam%20formacao%20do%20campo%20fotojornalistico%20na%20modernizacao%20da%20imprensa%20brasileira.pdf>

SILVA, Denize Helena Garcia. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro - (por uma rede de transdisciplinaridade), disponível em http://www.revistaautonomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Estudos-cr%C3%ADticos-do-discurso-no-contexto-brasileiro_p.224-243.pdf

VENEGAS, Soraya. Vai dar Prêmio: A Valorização da Violência como Tema e do Flagrante como Paradigma nas Fotografias Vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo e do Prêmio Imprensa Embratel, em <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-0376-2.pdf>

_____. O DNA da Fotografia. Fotojornalismo de Paulo Moreira. Uma história de pai para filhos in Revista Brasileira de História da Mídia, vol.2, n.2, jul/2013 - dez/2013, em <http://www.unicentro.br/rbhm/ed04/dossie/04.pdf><http://www.unicentro.br/rbhm/ed04/dossie/04.pdf>

VIEIRA, Antônio. Sermão da Visitação de Nossa Senhora. Erechim: Edelbra, 1998. In.: Literatura Brasileira, textos literários em meio eletrônico, disponível em http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02072.html.

Recebido em 02.02.2014. Aceito em 05.04.2014.

